

BOAS PRÁTICAS



O golpe das edições especiais

Fraudadores enganam editores de revistas científicas e se infiltram no processo de revisão de artigos de números temáticos

Os editores do *Journal of Nanoparticle Research*, revista interdisciplinar dedicada a fenômenos e processos sobre estruturas em escala nanométrica, caíram em um golpe que comprometeu a integridade do processo de avaliação de artigos da publicação. O periódico, fundado em 1999 e vinculado à editora Springer Nature, suspendeu o lançamento de uma edição especial sobre o papel da nanotecnologia e da internet das coisas no atendimento em saúde após a descoberta de que três colaboradores incumbidos de selecionar os manuscritos eram impostores fazendo-se passar por cientistas reais.

Em setembro de 2019, a revista foi contatada por e-mail por pesquisadores das áreas de ciência da computação e engenharia afiliados a instituições do Reino Unido e da Alemanha, que sugeriam a

edição especial. A proposta vinha acompanhada de uma lista de cientistas que poderiam auxiliar na avaliação, com os respectivos endereços eletrônicos. Um dos editores do periódico, o químico Nicola Pina, da Universidade Humboldt, em Berlim, checkou a lista de e-mails e não notou nada de errado. A maioria era composta por contas aparentemente institucionais, enquanto outras eram da plataforma Gmail, para a qual várias universidades migraram. A equipe editorial considerou a proposta interessante e franqueou a três pesquisadores dessa lista acesso a seu sistema de gerenciamento de *papers*, para que recebessem os artigos submetidos e coordenassem a edição.

Dezenas de manuscritos foram apresentados, mas só quando começaram a ser aceitos para publicação é que os editores perceberam uma anomalia. Vários *papers* eram de baixa qualidade e alguns nem sequer se enquadravam no escopo da edição. Constatou-se, então, que os e-mails dos coordenadores eram falsos. Em um dos endereços, o sufixo “uni”, que sugere vinculação com universidade, tinha sido trocado por “univ”. Em outro, o sufixo acadêmico “ac.uk” foi trocado por “-ac.uk”. Quem estava recebendo os manuscritos não eram os cientistas reais que, imaginava-se, estariam cuidando da edição – contatados, eles não faziam ideia do uso de seus nomes. Os destinatários dos *papers* eram fraudadores que buscavam facilitar a publicação de artigos, provavelmente em troca de dinheiro.

“Esse é um truque trivial e, se tivéssemos verificado profundamente, notaríamos que os domínios foram falsificados”, escreveram os responsáveis pelo periódico em um editorial que expôs o caso. O título do texto resume a trapaça: “O *Journal of Nanoparticle Research*, vítima de uma rede organizada de editores desonestos!”. A edição especial foi suspensa e os manuscritos com alguma qualidade estão sendo reavaliados por pesquisadores confiáveis. “Fomos descuidados? Provavelmente”, reconhecem os editores. “Mas quem teria pensado que cientistas chegariam a esse ponto de organizar uma rede e propor uma edição especial sólida e interessante em uma revista científica apenas para ter uns poucos artigos publicados?”

Uma investigação feita pelos editores e pelo Grupo de Integridade em Pesquisa da Springer Nature constatou que a fraude não envolvia apenas os coordenadores da

Contas de e-mails eram falsas. Em uma delas, o sufixo “uni”, que indica vínculo com universidade, foi trocado por “univ”

edição especial. Os revisores convocados para analisar cada artigo também tiveram identidade apropriada por impostores e havia flagrantes irregularidades em seus pareceres. “Todas as evidências apontam para uma rede organizada que tenta, nesse caso com sucesso, se infiltrar em periódicos científicos com o objetivo de publicar facilmente manuscritos de pseudocientistas ou pesquisadores menos produtivos que desejam aparecer em periódicos respeitáveis”, afirmou o editorial. A apuração do caso continua. Os editores não revelaram os nomes dos pesquisadores que tiveram a identidade roubada nem dos autores de manuscritos suspeitos de participar do conluio.

Fraudes no processo de revisão de artigos estão longe de ser novidade e há tempos preocupam os editores de revistas científicas. De acordo com o site Retraction Watch, que monitora e noticia retratações de artigos científicos desde 2011, mais de 900 *papers* foram cancelados devido a esquemas que macularam a avaliação de seu conteúdo. Os primeiros casos envolviam estratégias mais simples: os autores de manuscritos sugeriam a revistas os nomes de potenciais revisores de seus trabalhos e forneciam contas falsas de e-mail. O farmacêutico sul-coreano Hyung-In Moon, professor da Dong-A University, em Busan, foi um dos precursores: 28 artigos de sua autoria publicados em seis diferentes periódicos foram retratados. Isso porque sugeria pesquisadores para analisar seus artigos, mas informava e-mails que ele próprio controlava.

Aos poucos, esse tipo de golpe tornou-se mais sofisticado. Em 2014, descobriu-se que o cientista da computação Chen-Yuan Chen, ex-professor da National

Pingtung University of Education, em Taiwan, corrompeu o sistema de revisão de uma revista científica da área de acústica, o *Journal of Vibration and Control* (ver Pesquisa FAPESP nº 222). Ele criou 130 contas de e-mail fraudulentas e conseguiu inseri-las no cadastro de revisores na plataforma on-line da editora Sage, responsável pela publicação. Os artigos submetidos à edição eram endereçados a e-mails falsos e Chen revisava os *papers* – 48 deles eram de sua autoria e foram cancelados.

Na época, o Committee on Publication Ethics, fórum de editores para assuntos de integridade científica, estabeleceu que editoras e revistas deveriam fazer auditorias em seus cadastros de revisores em busca de perfis falsos e retratar artigos que se beneficiassem desse tipo de irregularidade. Os periódicos reforçaram a segurança e a qualidade de seus sistemas de revisão, mas os trapaceiros encontraram outros flancos. As edições especiais sobre temas específicos, cujo processo de avaliação é delegado a colaboradores, tornaram-se um novo alvo. Em dezembro de 2019, um editorial do periódico *Australasian Physical & Engineering Sciences in Medicine* fez um alerta sobre esse tipo de golpe, ao revelar que a publicação já havia recebido várias propostas espúrias de edições especiais, algumas muito bem formuladas, e teria sido enganada em pelo menos uma ocasião.

O editor do periódico, o físico Jamie Trapp, pesquisador da Universidade Tecnológica de Queensland, na Austrália, mencionou em uma entrevista para o Retraction Watch os cuidados necessários para evitar a armadilha. Segundo ele, se a sugestão de edição especial for interessante, deve-se procurar o proponente pessoalmente ou, se isso não for possível, utilizar um e-mail fornecido pela universidade a que ele é afiliado para iniciar a conversa, a fim de garantir que esteja falando com um interlocutor genuíno, e não com um farsante. “Nunca responda diretamente a mensagem que recebeu, a menos que seja para rejeitá-la”, afirma. Trapp considera necessário discutir diretrizes para coibir esse tipo de fraude. Enquanto isso não acontece, resolveu o problema a seu modo, banindo as edições especiais do escopo do periódico que dirige. ■

Fabrcio Marques

Recompensa para publicar gera distorções na África do Sul

Um levantamento feito com 967 pesquisadores da África do Sul chegou a um resultado ambíguo. Perto de 70% dos entrevistados defenderam a manutenção de um programa do governo que oferece recompensa em dinheiro para pesquisadores que publicam trabalhos em periódicos – cada *paper* publicado rende cerca de 120 mil rands, o equivalente a R\$ 40 mil. Algumas universidades centralizam a captação desses recursos e sua aplicação em projetos científicos, enquanto outras destinam até 70% do valor diretamente para os pesquisadores.

Apesar da ampla aprovação ao programa, 59% dos entrevistados concordaram que o pagamento encoraja práticas antiéticas. Para dois terços, o sistema incentiva a publicação fracionada de resultados de pesquisa, a fim de multiplicar o número de artigos e os recursos recebidos, enquanto mais da metade afirmou que ele estimula a atribuição

de autoria dos *papers* de forma irregular ou inadequada.

De acordo com Lyn Horn, diretora do escritório de integridade científica da Universidade da Cidade do Cabo e uma das responsáveis pelo levantamento, a pressão é sentida especialmente por pesquisadores em início de carreira. Segundo ela afirmou à revista *Nature*, os jovens são estimulados a explorar ao máximo as possibilidades de transformar seus achados em manuscritos, fatiando os resultados no que ela denominou de “unidades mínimas para publicação”. O levantamento foi divulgado no final de novembro em uma conferência do Global Research Council, entidade criada em 2012 para estimular a cooperação entre agências de fomento de todo o mundo e semear boas práticas de gestão.

Atribui-se ao programa, criado pelo governo da África do Sul em 2005, a multiplicação da produção científica do país, que subiu de 4.063 artigos, no

ano de seu lançamento, para 25.371, em 2018. Nem toda essa produção é qualificada. Um estudo divulgado em 2017 mostrou que o governo recompensou com até 300 milhões de rands a publicação de artigos em periódicos predatórios, aqueles que divulgam manuscritos em troca de dinheiro e não fazem uma revisão por pares genuína.

David Hedding, geólogo da Universidade da África do Sul, em Pretória, que não participou do levantamento, atribui a contradição de seus resultados aos problemas de financiamento da ciência no país. “Com a crise atual, esses incentivos são cada vez mais importantes para os pesquisadores, que não querem abrir mão deles”, disse à *Nature*. O Departamento de Ciência e Inovação, principal financiador da pesquisa do país, reduziu seu orçamento em 16% em 2020, devido à desaceleração econômica causada pela pandemia (ver Pesquisa FAPESP nº 294).

Para reconhecer a diversidade na pesquisa

Cell Press, que edita mais de 50 periódicos, entre os quais os prestigiosos *Cell*, *Neuron* e *Current Biology*, adotou uma política inovadora para estimular a diversidade e a inclusão na pesquisa científica. Os autores de artigos submetidos para publicação agora têm a chance de destacar seus esforços, por exemplo, para incorporar diferenças de raça e de gênero em seus alvos de pesquisa, como o uso de linhagens celulares etnicamente diversas ou conjuntos de dados genômicos representativos de ambos os sexos. Eles também podem salientar o apoio que receberam de programas que promovem a diversidade no ambiente acadêmico. Tais informações podem ser apresentadas em uma declaração semelhante às que expõem conflitos de interesse ou que esmiúçam a contribuição específica de cada autor do trabalho.

“É uma forma de reconhecimento dos autores que trabalharam para melhorar a inclusão e a diversidade na ciência e encorajar outros a fazer ainda mais no futuro”, disse, em um comunicado, a vice-presidente editorial da Cell Press, a bióloga molecular Deborah Sweet. “Essas declarações provavelmente vão ser feitas apenas por pesquisadores que já compreendem a importância da equidade, diversidade e inclusão”, afirmou à revista *Science* a ecóloga Daniela Roesler, pesquisadora em estágio de pós-doutorado na Universidade Harvard e líder de um grupo que pressiona as editoras científicas a reconhecer esforços de inclusão. “Mas isso vai ampliar a visibilidade desse empenho e permitir que não apenas os autores, mas também os periódicos, tomem uma posição pública sobre o assunto.”

